



Guerra dos RIPs ou dos formatos de saída?

Por Bruno Mortara*

Os lançamentos da Adobe e da Global Graphics e os rumos que o mercado pode tomar após a Drupa

Por trás de novos anúncios de lançamentos das duas grandes forças do mercado de fornecedores de RIPs (Raster Image Processor) – computadores que traduzem os conteúdos diagramados em programas de editoração eletrônica para uma forma que as impressoras e periféricos compreendam – se esconde uma batalha de formatos de linguagens de descrição de páginas (PDL). Os novos produtos da Adobe e da Global Graphics apontam para novas tendências de mercado e as apostas que cada uma faz do mercado “gráfico” como um todo.

Explico-me: o mercado gráfico pode ter duas grandes abordagens de entendimento: uma “purista” ou corporativista, onde as gráficas são os agentes e produtores principais e poucos outros produtores são considerados importantes. Numa abordagem mais “holística” estão aqueles

que se preocupam com todas as páginas impressas no mundo, incluindo-se aí as impressoras domésticas, as dos pequenos negócios e as corporativas. Aqueles que têm uma visão “purista” se interessam por aplicações e equipamentos “profissionais” e de “qualidade”, enquanto os “holísticos” estão interessados em todo e qualquer processo e equipamento que reproduza um material de comunicação humana.

A Adobe, inventora do PostScript, que revolucionou a indústria gráfica, reinventou sua linguagem de descrição de página quando lançou o PDF. As aplicações do PostScript e do PDF acabaram sendo as melhores soluções para a indústria gráfica (“purista”), porém os outros segmentos produtores (caseiro, de pequenos negócios e corporações) acabaram aderindo aos padrões mais simples como o PCL, da HP, ou até a impressão direta pelo driver

do Windows, com qualidade “caseira” e sem custos adicionais. Agora temos o sistema operacional Vista, da Microsoft, que é capaz de salvar páginas numa linguagem nova, o XPS (XML Paper Specification) e muitos dos “holísticos” acreditam que seu uso se espalhará pelo mercado não profissional de maneira inexorável.

Global Graphics

Há menos de um mês, durante a Drupa, em Düsseldorf (Alemanha), a Harlequin (Global Graphics) lançou a nova versão de seu famoso RIP, agora com suporte a múltiplos formatos. Esta versão é capaz de processar arquivos PDF, XPS e PostScript, tornando-o único RIP na sua categoria a fazê-lo. “Nós somos os primeiros no mercado a dar suporte ao XPS porque acreditamos que ele irá se tornar importante para alguns setores da impressão profissional, tal como já sabíamos que o formato PDF seria importante um dia, quando introduzimos suporte ao PDF, nos idos de 1997, nos nossos RIPs Harlequin”, afirma o diretor de tecnologia da Global Graphics, Martin Bailey. O executivo complementa dizendo que o mercado ainda é muito heterogêneo e que há espaço para todos os formatos: PDF profissional, PostScript e XPS dedicado especialmente às corporações. Nos RIPs da Harlequin, você simplesmente joga o arquivo e o sistema identifica o tipo de linguagem de página e processa de maneira adequada, produzindo a imagem no equipamento de saída. Além do mais, o novo RIP suporta também o novo formato PDF 1.7 (a ser tornado norma ISO 32000) e o ISO PDF/X-4, com suporte a transparência e a camadas.

Com este lançamento, a Global Graphics assume uma visão mais “holística” do mercado e, além de pretender continuar a ser fornecedora do mercado “profissional”, está se inserindo como um importante player nos mercados não profissionais, que deverão evoluir (de acordo com as previsões da empresa) para a utilização maciça do formato XPS, graças à adoção do Windows Vista e da facilidade de se salvar qualquer arquivo de Office 2007 neste formato, para posterior impressão.

Adobe

Contraopondo-se a este lançamento, a Adobe fez a apresentação mundial de

seu produto Acrobat 9, juntamente com o Adobe PDF Print Engine 2. Estes lançamentos representam uma mudança radical na postura da Adobe, assumindo que seus RIPS (Agfa, Fujifilm, GMG, Heidelberg, Kodak, Screen, Xanté, Dalim, EFI, Océ e Xerox) passem a ter suporte nativo a impressão com dados variáveis, baseados na futura norma ISO PDF/VT, otimizando a geração de páginas únicas em tempo real para os equipamentos – cada vez mais rápidos – de impressão digital. O Adobe PDF Print Engine 2 elimina a necessidade de conversões antecipadas de arquivos, tais como achatamento de transparências e ajustes de camadas de PDF, assegurando uma renderização consistente dos elementos que hoje ainda são um desafio para os profissionais da indústria gráfica. Além do mais, quando utilizado o novo padrão ISO PDF/VT, o sistema poderá prever quais elementos se repetem constantemente em diferentes páginas, guardar em memória cache sua imagem, o que dá flexibilidade e velocidade ao processamento de arquivos complexos de dados variáveis.


Com o novo sistema, a empresa da Califórnia intensifica o uso do padrão da indústria JDF (Job Definition Format), a fim de manter separados o conteúdo e as instruções de processamento dos trabalhos gráficos. Outra vantagem apontada pela empresa é que uma vez que os designers se utilizam do mesmo modelo de renderização da Adobe em impressoras menores e de provas, a vida de todos os envolvidos na vida útil de um trabalho gráfico – de sua concepção até sua entrega – fica muito mais previsível e facilitada.

Conclusões?

Se fosse possível prever o futuro, a vida das empresas seria muito mais fácil e, neste caso, saberíamos quem levará vantagem. No entanto, mesmo sem ter uma bola de cristal, podemos observar algumas questões em relação ao mercado mundial. O mercado de impressão mundial está bastante estagnado e dentro dele os setores de impressão digital, impressão fotográfica caseira e algumas áreas do setor corporativo estão crescendo a taxas acima de 15%. Justamente alguns dos setores que os “holísticos” vêem e consideram como indústria da comunicação gráfica. A Global Graphics investiu em uma tecnologia com

bastante potencial nestes setores de maior crescimento enquanto a Adobe aposta na indústria mais “purista” como maneira de se manter como a principal fornecedora de sistemas de reprodução de páginas (Aplicações de criação, PDF, Acrobat e RIPs). A vantagem da Adobe é que ela já está consolidada como líder e que, ao invés de ficar parada gozando de seu sucesso, está sempre propondo novos paradigmas e criando novas possibilidades para seus parceiros e usuários da indústria.

Enquanto isso, assistimos a uma verdadeira “corrida para o ouro” das normas ISO. Conforme artigo na edição 94, a Adobe levou o PDF 1.7 para a ISO e este se tornará a norma ISO 32000. A Microsoft está fazendo o mesmo com seu formato XPS, porém ainda não obteve sucesso na aceitação por um número mínimo de países.

Independentemente de quais formatos possam resistir ao tempo, a indústria gráfica deve – para automatizar seus processos cada vez mais e assim ser mais competitiva – utilizar somente processos e insumos normalizados, se possível internacionalmente, isto é, pela ISO. 

► * Bruno Mortara é diretor do estúdio de finalização Prata da Casa.
www.pratadacasa.com.br

► Para falar com o autor, escreva para bmortara@pratadacasa.com.br